



NARRATIVA HISTÓRICA E BURDENING HISTORY: A POTENCIALIDADE DA HISTÓRIA EM QUADRINHOS EM GRAMA DE KEUM SUK GENDRY-KIM

Historical narrative and burdening history: the potential of comics in grass by keum suk gendry-kim

Narration historique et burdening history: le potentiel de la bande dessinée dans mauvaises herbes de keum suk gendry-kim

Dionson Ferreira Canova Júnior¹

Tayane Ferreira de Almeida²

Resumo: No campo da ciência histórica, determinados eventos históricos carregam forte carga emocional, o que dificulta a pesquisa e o ensino. Bodo von Borries (2018) define esses casos como *burdening history* — histórias difíceis. Mídias como os quadrinhos tornam-se espaços relevantes para o processamento de traumas coletivos. A obra “Grama”, de Keum Suk Gendry-Kim, exemplifica esse potencial ao representar a experiência de mulheres submetidas à violência sexual durante a ocupação japonesa na Segunda Guerra Mundial. O termo “mulheres de conforto” eufemiza tal violência. Este trabalho discute a relevância da narrativa gráfica para a construção da memória histórica e consciência histórica, o reconhecimento das vítimas e a reflexão crítica sobre responsabilidades passadas.

Palavras-chave: Mulheres de conforto. História em quadrinhos. *Burdening history*.

Abstract: In the field of historical science, certain historical events carry a strong emotional burden, which hinders research and teaching. Bodo von Borries (2018) defines such cases as *burdening history* — painful histories. Media such as comics have become significant spaces for processing collective traumas. The graphic novel “Grass”, by Keum Suk Gendry-Kim, exemplifies this potential by portraying the experiences of women subjected to sexual violence during the Japanese occupation in World War II. The term “comfort women” euphemizes this

¹ Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: dionson.canova@ufpe.br; Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5680854067918717>; Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-0817-4019>. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Doutoranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: tayane.ferreira@ufpe.br; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0335836667779729>; Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-5239-8485>. O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (FACEPE) - BPG.

violence. This paper discusses the relevance of graphic narratives for the construction of historical memory and historical consciousness, the recognition of victims, and critical reflection on past responsibilities.

Keywords: Comfort Women. Comics. Burdening History.

Résumé: Dans le domaine de la science historique, certains événements portent une forte charge émotionnelle, ce qui rend la recherche et l'enseignement plus difficiles. Bodo von Borries (2018) désigne ces cas comme des *burdening history* – des histoires difficiles. Des médias comme la bande dessinée deviennent des espaces importants pour le traitement du traumatisme collectif. L'œuvre «Mauvaises Herbes», de Keum Suk Gendry-Kim illustre ce potentiel en représentant l'expérience des femmes confrontées à la violence sexuelle pendant l'occupation japonaise durant la Seconde Guerre mondiale. L'expression «femmes de réconfort» tend à minimiser cette violence. Ce travail discute de la pertinence du récit graphique pour la construction de la mémoire et de la conscience historique, pour la reconnaissance des victimes et pour la réflexion critique sur les responsabilités passées.

Mots clés: Femmes de réconfort; Hhistoire en bande dessinée; Burdening History.

Introdução

No início da década de 1990, Kim Hak-soon tornou públicas suas experiências traumáticas vivenciadas durante a Segunda Guerra Mundial, revelando memórias profundamente sensíveis. Entre adolescentes e adultas, Kim foi uma das mulheres submetidas à exploração sexual sistemática por militares japoneses, vindo posteriormente a reivindicar reparação e indenização pelos crimes perpetrados. Estima-se que aproximadamente 200 mil mulheres asiáticas tenham sido forçadas a atuar nas denominadas “estações de conforto”, bordéis organizados para satisfazer os soldados do exército imperial japonês. A partir de seu testemunho, outras vítimas também romperam o silêncio, relatando publicamente os abusos sofridos e impulsionando um movimento por reparação e indenização.

O testemunho de Kim é corroborado por inúmeros relatos convergentes, que configuram uma narrativa consistente sobre a violência sexual institucionalizada durante o conflito. A autonomia corporal e sexual dessas mulheres foi gravemente violada, e o resgate dessas memórias representa um desafio tanto ético quanto político. Trata-se de episódios historicamente silenciados, cuja abordagem ainda hoje provoca incômodo e resistência.

Ressalte-se que as relações diplomáticas entre Coreia do Sul e Japão foram oficialmente restabelecidas em 1965. No entanto, a temática que envolve as "mulheres de conforto", expressão utilizada para designar as vítimas da exploração sexual sistemática durante o período de guerra, reabriu debates significativos nas esferas política, jurídica e histórica, influenciando

as dinâmicas bilaterais entre os dois países e fortalecendo a luta por reconhecimento e reparação das vítimas.

A Quarta Convenção de Genebra, de 1949, voltada à proteção de civis em tempos de guerra, estabelece princípios fundamentais do direito internacional humanitário. Entre suas disposições, o artigo 27 destaca-se ao afirmar que “as mulheres serão especialmente protegidas contra qualquer ataque à sua honra, e particularmente contra violação, prostituição forçada ou qualquer forma de atentado ao seu pudor” (Portugal, 1949, p. 13). Essa formulação valida a preocupação da comunidade internacional com a integridade física e moral das mulheres em situações de conflito armado, reconhecendo, ainda que de forma indireta, a violência sexual, como o estupro, como uma grave violação das normas humanitárias.

Como vimos, a Segunda Guerra Mundial suscitou intensos debates acerca do tratamento dispensado a civis em contextos de conflito armado. Juntamente com as Convenções da Haia de 1899 e 1907, bem como com as Conferências Internacionais da Cruz Vermelha realizadas na década de 1920, a Convenção de Genebra emerge, a partir das experiências traumáticas do segundo grande conflito mundial, como um marco normativo voltado à proteção das populações civis. O caso das denominadas “mulheres de conforto” constitui um exemplo paradigmático da necessidade de se estabelecer mecanismos eficazes de proteção e amparo à dignidade humana frente a situações de violência e desumanização.

A questão das mulheres de conforto transcende o próprio testemunho das vítimas. Seus relatos não apenas revelam memórias traumáticas, historicamente silenciadas, mas também expressam uma linguagem identitária marcada pela dor, por corpos violados e por lembranças em permanente estado de conflito. Esses testemunhos, contudo, devem ser compreendidos como produtos de uma consciência histórica, capazes de articular a experiência individual com a elaboração de sentidos coletivos e identitários. Em contextos de catástrofe, o trauma insere o sujeito em uma situação-limite, desafiando seus referenciais de compreensão e de expressão da realidade vivida.

Essa situação-limite, carregada de emoções, desconforto e dificuldade de abordagem, envolve histórias difíceis. Borries (2011) conceitua esse tipo de narrativa como *burdening history*. Este trabalho parte desse conceito para entender como o tema das mulheres de conforto, tanto os testemunhos quanto os discursos sobre elas, constitui uma questão sensível que envolve

tensões entre memória, identidade e responsabilidade histórica, sobretudo no que diz respeito às relações entre as vítimas e o governo japonês.

Nesse sentido, o presente artigo analisa a história em quadrinhos sul-coreana *Gramá*³, de Keum Suk Gendry-Kim, publicada no Brasil em 2020. Enquanto produto cultural, as histórias em quadrinhos apresentam uma linguagem autônoma e características próprias. No debate acerca da representação das imagens, ao abordar o testemunho de uma “mulher de conforto”, buscamos analisar, sob a perspectiva de Hall (2016), o conceito de representação, a fim de compreender de que forma tais imagens captam e organizam o mundo social por meio da percepção do real, bem como de que maneira discursam, enquanto prática discursiva que produz significados, e se legitimam, por meio da linguagem visual própria dos quadrinhos, na construção do objeto estudado.

Stuart Hall, ao tratar da representação, afirma que esta “é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura” (2016, p. 31). Como linguagem autônoma, os quadrinhos buscam representar e ressignificar por meio das imagens. *Gramá* é uma obra que procura representar intencionalmente algo para a sociedade. Assim, ao abordar o testemunho de Ok-sun Lee, uma das mulheres de conforto que sobreviveram aos abusos sexuais e agressões cometidos por militares japoneses durante a Segunda Guerra Mundial, propõe-se discutir sobre como a história em quadrinhos, enquanto fonte para se pensar a História por meio de sua narrativa, possibilita a compreensão dos traumas coletivos, seja do indivíduo, de um grupo social específico ou de uma sociedade como um todo, e contribui para a construção da memória e da consciência histórica.

Segunda Guerra Mundial, memórias traumáticas e o caso das mulheres de conforto

A periodização tradicional da Segunda Guerra Mundial geralmente se inicia em 1939, com a invasão da Polônia pela Alemanha. Essa abordagem, contudo, reflete uma perspectiva

³ O termo utilizado para histórias em quadrinhos na Coreia do Sul é *manhwa*. Segundo Hye-Jeong Leem (2012), é importante destacar que há influência japonesa nesse campo. Após o fim do período colonial, as relações diplomáticas entre os dois países foram restabelecidas em 1965. A partir de 1998, produtos culturais japoneses passaram a entrar oficialmente na Coreia do Sul e, embora o *mangá* tenha permanecido restrito até então, ele já circulava ilegalmente antes desse período. Contudo, *manhwa* e *mangá* não são idênticos. Chie Yamanaka (2013) explica que *manhwa* engloba todas as histórias em quadrinhos disponíveis em coreano, sejam elas produções locais ou obras estrangeiras traduzidas para o idioma. Já Letícia Branco (2024) destaca que o *mangá* é predominantemente em preto e branco, enquanto o *manhwa* mantém o uso de cores e apresenta traços mais arredondados.

eurocêntrica, centrada no teatro de operações europeu. No entanto, dois anos antes, em 1937, o Japão atacou a China, marcando o início da Segunda Guerra Sino-Japonesa, que perduraria até 1945. Ainda em 1937, ocorreu o Massacre de Nanquim (Nanjing), no qual aproximadamente 300 mil civis chineses foram mortos por tropas japonesas, evidenciando a brutalidade do conflito no continente asiático.

Outro evento crucial envolvendo os mesmos protagonistas remonta a 1931, quando o Japão invadiu a região da Manchúria e estabeleceu o Estado fantoche de Manchukuo. Tal ação insere-se em um contexto de expansão imperialista japonesa, motivada pela busca de matérias-primas para abastecer seu parque industrial, pela obtenção de posições geoestratégicas no Leste Asiático e pelo intento de consolidar o controle econômico regional. Nesse sentido, pode-se compreender essa dinâmica como parte de uma disputa mais ampla entre potências orientais e ocidentais pelo predomínio político e econômico na Ásia.

Essa relação conflituosa também se manifestava na interação do Japão com outro de seus vizinhos: a Coreia. Marcado pela colonização, pela exploração sistemática e pela imposição de uma ideologia racial, o domínio colonial japonês deixou uma ferida profunda na sociedade coreana, por muito tempo silenciada. Um exemplo emblemático desse processo é o caso das chamadas “mulheres de conforto”, conhecidas como *jugun ianfu* no Japão e *wianbu* ou *chongsindae* na Coreia. Compreender o processo de imperialismo japonês e sua atuação na Ásia implica, igualmente, reconhecer os custos humanos da guerra e as atrocidades cometidas contra populações civis.

No início da década de 1940, o Japão propôs a Esfera de Coprosperidade da Grande Ásia Oriental, com o objetivo oficial de promover a independência e o desenvolvimento mútuo dos povos asiáticos, sob sua liderança. Na prática, no entanto, tratava-se de uma forma de imperialismo japonês, voltada para a dominação militar, política e econômica da Ásia. Apresentado como uma alternativa ao domínio ocidental, o imperialismo japonês buscava libertar os países asiáticos do colonialismo europeu, prometendo cooperação e prosperidade regional. Contudo, seu verdadeiro objetivo era expandir o controle do Japão sobre recursos naturais estratégicos e estabelecer uma zona de influência sob a liderança de Tóquio, com forte presença militar. Isso justificou a ocupação de territórios como a Coreia e a China, entre outros. Na realidade, os povos ocupados enfrentaram exploração econômica, repressão cultural,

trabalho forçado e violência militar, incluindo abusos como o das “mulheres de conforto”, escravizadas sexualmente pelo exército japonês.

As chamadas “mulheres de conforto” incluíam adolescentes e jovens mulheres de diferentes nacionalidades, entre elas, filipinas, chinesas e indonésias, sendo a maioria das vítimas de origem coreana. Essas mulheres foram submetidas a violência extrema, incluindo estupros sistemáticos, espancamentos, mutilações e infecções por doenças venéreas, tudo isso para atender às demandas sexuais dos soldados do Exército Imperial Japonês.

Com o fim da guerra, a política nacional de memória e os esforços diplomáticos de reconciliação entre os países envolvidos contribuíram para o silenciamento dessas vítimas. Foi apenas a partir da década de 1990, por meio dos testemunhos das sobreviventes, que o tema passou a ganhar visibilidade internacional, dando início a uma mobilização transnacional por reconhecimento histórico, justiça e reparação, pois:

O Tribunal Militar Internacional para o Extremo Oriente, conhecido como Tribunal de Tóquio, realizado ao fim da Segunda Guerra Mundial, concentrou-se exclusivamente nos crimes de guerra cometidos contra prisioneiros de guerra e cidadãos dos Estados Unidos e de nações europeias. Da mesma forma, as reparações negociadas entre as forças aliadas vitoriosas e o Japão derrotado jamais abordaram a questão das “mulheres de conforto militares”. Os Estados Unidos, interessados em consolidar seu domínio capitalista na Ásia, concederam termos brandos ao Japão em troca de controle estratégico sobre o país (Sancho, 1997, p. 145-146, tradução nossa).⁴

A anexação da Coreia pelo Império Japonês teve início em 1910, por meio da imposição de um regime colonial que perdurou até 1945. Entre as principais práticas adotadas durante esse período, destacam-se a assimilação forçada da cultura japonesa, a repressão sistemática à identidade coreana e a exploração intensiva de seus recursos naturais e humanos. No entanto, o imperialismo nipônico também esteve alicerçado em uma lógica de subjugação racial.

A ideologia do *Naisen ittai* (内鮮一体), ou “Japão-Coreia, um só corpo”, buscava integrar os coreanos à identidade imperial japonesa, ao mesmo tempo em que reafirmava sua condição subalterna. Essa assimilação, contudo, era profundamente assimétrica: enquanto os coreanos eram obrigados a adotar nomes japoneses, falar a língua japonesa e participar de

⁴ Temos a seguinte grafia em inglês: *The International Military Tribunal for the Far East, or the Tokyo Tribunal as it came to be known, held at the close of World War II, focused solely on war crimes against prisoners of war and citizens of the United States and European nations. Likewise, reparations negotiated between the victorious Allied Forces and defeated Japan never touched on the issue of ‘military comfort women’. The US, eager to consolidate its capitalist hold on Asia, gave Japan lenient terms in exchange for control over the country.*

rituais xintoístas, não lhes eram assegurados os mesmos direitos civis, sociais ou políticos concedidos aos cidadãos japoneses.

Os coreanos foram sistematicamente excluídos das estruturas de poder e submetidos a políticas de trabalho forçado, deslocamentos internos compulsórios e intensificação do controle policial. A violência colonial também se manifestou de forma brutal no recrutamento coercitivo de mulheres coreanas como mulheres de conforto que foram forçadas a servir como escravas sexuais para o exército imperial japonês.

Em 1994, Radhika Coomaraswamy foi nomeada Relatora Especial das Nações Unidas sobre Violência Contra as Mulheres. Em 1996, apresentou um relatório à 52ª Sessão da Comissão de Direitos Humanos das Nações Unidas, em Genebra sobre as “mulheres de conforto”, como “crime de guerra” e apontou a situação das mulheres como “escravidão sexual”. Em seu relatório, abordou que:

A Relatora Especial, no entanto, considera que a prática de "mulheres de conforto" deve ser considerada um caso claro de escravidão sexual e uma prática análoga à escravidão, de acordo com a abordagem adotada pelos órgãos e mecanismos internacionais de direitos humanos relevantes. Nesse sentido, o Relator Especial gostaria de sublinhar que a Subcomissão para a Prevenção da Discriminação e Proteção de Minorias, em sua resolução 1993/24 de 15 de agosto de 1993, observando as informações que lhe foram transmitidas pelo Grupo de Trabalho sobre Formas Contemporâneas de Escravidão relativas à exploração sexual de mulheres e outras formas de trabalho forçado em tempos de guerra, encarregou um de seus especialistas de realizar um estudo aprofundado sobre a situação de estupro sistemático, escravidão sexual e práticas análogas à escravidão em tempos de guerra. A Subcomissão solicitou ainda que o especialista, na preparação deste estudo, levasse em consideração informações, inclusive sobre "mulheres de conforto", que haviam sido submetidas ao Relator Especial sobre o direito à restituição, indenização e reabilitação de vítimas de graves violações de direitos humanos (Coomaraswamy, 1996, p. 4, tradução nossa).⁵

A imposição japonesa sobre essas mulheres revela o trauma sob uma perspectiva feminina, permitindo compreender a guerra não apenas como um evento político e militar, mas

⁵ Temos a seguinte grafia em inglês: *The Special Rapporteur, however, holds the opinion that the practice of "comfort women" should be considered a clear case of sexual slavery and a slavery-like practice in accordance with the approach adopted by relevant international human rights bodies and mechanisms. In this connection, the Special Rapporteur wishes to underline that the Sub-Commission on Prevention of Discrimination and Protection of Minorities, in its resolution 1993/24 of 15 August 1993, noting information transmitted to it by the Working Group on Contemporary Forms of Slavery concerning the sexual exploitation of women and other forms of forced labour during wartime, entrusted one of its experts to undertake an in-depth study on the situation of systematic rape, sexual slavery and slavery-like practices during wartime. The Sub-Commission further requested the expert in the preparation of this study to take into account information, including on "comfort women", which had been submitted to the Special Rapporteur on the right to restitution, compensation and rehabilitation of victims of gross violations of human rights.*

também como um campo de violências marcadamente de gênero. Embora o silêncio tenha predominado no pós-guerra, as mulheres de conforto não devem ser vistas apenas como mais uma vítima do conflito, mas como resultado de uma posição de dominação masculina diante da violência sexual. Nesse contexto, observa-se um discurso centrado na dominação do homem, no qual o estupro é utilizado como instrumento de poder e controle, tanto sobre o corpo feminino quanto sobre o corpo nacional colonizado.

Interpretar o estupro apenas como uma violência da guerra, sem considerar a mulher como sujeito da experiência, é limitar-se a documentar o ocorrido de forma superficial. São os testemunhos das sobreviventes que rompem o silêncio histórico e revelam o que permaneceu oculto. A aparição pública dessas mulheres valida mutuamente suas vivências e confere legitimidade ao evento histórico, transformando memórias traumáticas em formas de resistência. Ressignificam-se, assim, as violências cometidas contra as mulheres como crimes de guerra e como expressões da dominação colonial. No caso da Coreia, trata-se da imposição japonesa sobre o corpo feminino fragilizado, que simboliza, por extensão, o corpo nacional submetido à colonização. Assim:

O que é problemático nessa abordagem pacifista da história de guerra não é sua posição antimilitarista, mas seu efeito nivelador: o real desequilíbrio de poder que existiu (e existe) entre o colonizador (o Japão) e os sujeitos colonizados (outros asiáticos) é apagado, como se todos estivessem em pé de igualdade. A postura pacifista cria um julgamento moral sobre a natureza destrutiva da guerra, mas, ao fazer isso, reduz as formas complexas pelas quais o colonialismo japonês, o imperialismo ocidental e o militarismo produziram juntos violência cultural, material, psicológica e física contra os povos colonizados (Kim, 2005, p. 368, tradução nossa)⁶.

Diante disso, impõe-se a seguinte indagação: qual é o papel da testemunha diante de uma história sensível, marcada por um discurso que confronta diretamente o Estado japonês? De que maneira a memória pública da guerra, especialmente a das mulheres submetidas à escravidão sexual, pode contribuir para sua inserção no debate político, considerando que seus corpos se tornaram verdadeiros lugares de memória, marcados psicologicamente pela

⁶ Temos a seguinte grafia em inglês: *What is troubling about this pacifist approach toward wartime history is not the antiwar position, but its leveling effect: the actual imbalance of power that exist(ed) between the colonizer (Japan) and the colonized subjects (other Asians) is leveled as if they stand as equals. The pacifist stance creates a moral judgment about the destructive nature of war, but by doing so, it reduces the complex ways in which Japanese colonialism, Western imperialism, and militarism together produced cultural, material, psychological, and physical violence for the colonized subjects.*

subjugação colonial? Nesse contexto, torna-se urgente refletir sobre a necessidade de uma revisão crítica da narrativa hegemônica. É preciso descolonizar a memória?

Reflexionar sobre as mulheres de conforto revela que seus testemunhos não apenas confrontam a memória nacional construída, mas também representam um retorno ao evento violento, que pode não ser plenamente assimilado, reatualizando o trauma guardado no íntimo do sujeito. No caso dessas mulheres, o ato de testemunhar rompe com o silêncio institucionalizado, desestabiliza discursos oficiais e inscreve na esfera pública uma dor coletiva que foi historicamente silenciada e invisibilizada. Assim, seus discursos carregam a responsabilidade de assegurar que a narrativa construída pelo testemunho esteja vinculada à justiça, entendida como reparação, dignidade e reconhecimento. O testemunho, portanto, constitui um ponto de tensão entre a lembrança fiel e a reconstrução interpretativa.

Caruth (1996, p. 91-92) afirma que o trauma é definido como a resposta a um evento violento, inesperado e tão intenso que a pessoa não consegue compreendê-lo totalmente no momento em que acontece. Em vez disso, ele retorna posteriormente, por meio de flashbacks, pesadelos e outros sintomas repetitivos. Há, contudo, um paradoxo importante: muitas vezes, o momento em que a pessoa mais “vê” ou experimenta o trauma é justamente aquele em que ela menos compreende o que está acontecendo. Ou seja, a experiência mais direta do trauma pode ser, paradoxalmente, uma experiência de não saber, de não conseguir processar. Esse retorno constante do trauma, mesmo sem estar totalmente presente na consciência da pessoa, revela que o trauma mantém uma relação profunda com o evento original, relação essa que não se limita ao que foi visto ou compreendido no instante em que ocorreu.

Em 1991, o governo japonês admitiu publicamente a existência das estações de conforto. Em 1993, reconheceu o recrutamento das mulheres, embora ainda negasse qualquer responsabilidade oficial. Em 1995, o Japão criou o Fundo para Mulheres Asiáticas, numa tentativa de resolver esse impasse. Contudo, o fundo era sustentado por doações de cidadãos e corporações privadas, e não por verbas governamentais, o que gerou insatisfação e críticas por parte da sociedade em apoio às mulheres. No final dos anos 2000 e durante a década de 2010, o debate voltou à tona, impulsionado principalmente por grupos da direita japonesa. Cabe destacar que, em 2017, Abe Shinzo⁷, então Primeiro-Ministro do Japão, solicitou a retirada de

⁷ FRANCE PRESSE. Japão pede que Coreia do Sul retire monumento a 'mulheres consolo'. **G1**, 8 jan. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/japao-pede-que-coreia-do-sul-retire-monumento-a-mulheres-consolo.ghtml>. Acesso em: 3 maio. 2025.

uma estátua em frente ao consulado japonês em Busan, alegando que o país já havia pago bilhões de ienes em indenizações. Como podemos notar, a questão das mulheres de conforto ainda permanece atual. Como afirma Sancho (1997, p. 152, tradução nossa):

Fundo das Mulheres Asiáticas busca medir o sofrimento que as mulheres suportaram, as violações cometidas contra sua honra, sua dignidade e seus direitos humanos, e sua luta por justiça, em termos monetários. Mas será que honra e dignidade podem ser convertidas em dinheiro? É possível quantificar dor e angústia, humilhação e tortura? É possível pagar por uma vida inteira de vergonha, desonra e sofrimento? O que o Fundo das Mulheres Asiáticas faz é livrar o governo japonês de sua responsabilidade. Nada mais, nada menos. Exceto, talvez, por revelar o desprezo do governo japonês pelas mulheres que seus soldados violentaram há cinquenta anos — mulheres que, na visão do governo japonês, agora estão velhas e pobres, e dispostas a se contentar com dinheiro.

As memórias revelam dor, angústia e insegurança. Seus corpos exibem feridas que ainda persistem entre as mulheres. Ainda que haja posicionamentos, a negação, a tentativa de silenciamento ou a prática de uma memória nacional que induza ao esquecimento, ou mesmo à construção de outras abordagens sobre o tema, refletem, de forma evidente, as intensas pressões políticas internas que moldam esse cenário. A voz das testemunhas e a constante luta por reconhecimento e reparação incidem diretamente sobre as aproximadamente 200 mil mulheres afetadas, gerando desconforto na narrativa histórica do pós-guerra e impulsionando novos horizontes para a produção historiográfica sobre o tema.

Por meio do manhwa *Gramma*, Gendry-Kim narra as memórias de Ok-sun Lee, abordando seu testemunho por meio de uma narrativa gráfica que evidencia as histórias difíceis que ainda permeiam o presente das mulheres coreanas. Esse “passado que não passa” revela disputas em torno da memória, especialmente no contexto da reconstrução dos países no pós-guerra. O dever da memória que *Gramma* nos apresenta está diretamente ligado a uma luta que persiste no tempo presente. É importante frisar que o Estado sul-coreano também marginalizou as mulheres de conforto. Assim, a história dessas mulheres suscita uma análise sobre a importância da memória e do testemunho para compreender as relações de poder e os discursos conflitantes presentes em suas narrativas.

Histórias em Quadrinhos e narrativas históricas: possibilidades e perspectivas

A compreensão do passado como uma construção móvel e em constante revisão é fundamental para que tanto o presente quanto o futuro possam ser construídos de maneira significativa e crítica (Cerri, 2011, p. 12). No entanto, essa perspectiva não se aplicou às

chamadas “mulheres de conforto”, vítimas de um sistema de escravidão sexual institucionalizado pelo exército imperial japonês. Essas mulheres foram silenciadas tanto pelo Estado japonês, que historicamente se recusou a reconhecer a legitimidade de seus testemunhos, quanto pela própria comunidade coreana, que contribuiu para a hostilização e o velamento da violência a que foram submetidas.

A negação institucional e social impôs uma dupla violência: a material, perpetrada durante o conflito, e a simbólica, perpetuada no pós-guerra, por meio da invisibilização e estigmatização. Como afirma Cerri (2011, p. 11-12) “o passado não está salvo das intenções do presente de dar tal ou qual significado ao tempo, aos personagens históricos, à nação. O presente, bem como o futuro, depende de um passado relativamente móvel, que possa ser relido”.

Diante desse cenário de apagamento, os meios de comunicação e as produções midiáticas contemporâneas assumem um papel fundamental na reinterpretação da história. Ao revisitar fatos históricos por meio de outras óticas, muitas vezes mais sensíveis à dor e à memória das vítimas, a mídia contribui para a disputa de narrativas e para a desconstrução de versões oficiais que perpetuam o silêncio e a negação. Assim, a representação das “mulheres de conforto” na mídia não apenas amplia o debate público, mas também propicia um processo de reconhecimento e reparação simbólica, essencial para a reconstrução de uma memória histórica mais plural.

Além disso, consideramos a afirmação de Levi (2014), ao pontuar que, a partir dos anos 1950, o livro deixou de ser o principal objeto para a discussão histórica. Em seu contexto, o autor trata especificamente do exemplo da televisão como novo meio de informação e reflexão histórica, por alcançar um público maior, de forma mais rápida e acessível do que por meio de uma pesquisa bibliográfica.

Na contemporaneidade, as mídias são ainda mais plurais e abrangentes. Há a internet, o cinema e os quadrinhos, que, em certa medida, se propõem a contar histórias. A simplicidade e a rapidez deram lugar à complexidade e à lentidão. Como afirma Levi (2014, p. 7), “o livro parou de ser o instrumento exclusivo de comunicação da investigação e comunicação historiográfica. Nasceram outras mídias mais eficazes por terem um público maior. Ler um livro se tornou cada vez mais raro, e mais ainda um livro de História.”

A potencialidade da multilinguagem dos quadrinhos proporciona uma qualidade única para análises, leituras e interpretações, por esta razão tem sido utilizado como recurso de avaliação no maior exame nacional do Brasil, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), desde 1999. Culminando na perspectiva de que: “nesse sentido, a análise sobre o uso das Histórias em Quadrinhos (HQs) no exame demonstra que, desde o ano posterior a sua criação, o MEC avalia como positivo o uso dos quadrinhos como recurso educacional e aplica a estratégia na prática” (Paiva; Ribeiro, 2017, p. 53).

Em *O Sistema dos Quadrinhos*, de Groensteen (2015), percebemos que os quadrinhos constituem um meio de expressão que possui complexidade e riqueza narrativa, ampliando a perspectiva de justaposição de texto e imagem. Para compreendê-los plenamente, é necessário analisá-los como um sistema semiótico próprio, com regras, estruturas e uma gramática visual específica. Essa abordagem permite reconhecer que os quadrinhos não são apenas uma mescla de linguagens, mas um meio autônomo que articula sentido por meio da relação dinâmica entre seus elementos gráficos, espaciais e textuais.

Os quadrinhos devem ser estudados a partir de suas especificidades formais e narrativas, reconhecendo seu potencial para construir discursos complexos e sutis por meio de uma linguagem híbrida, mas estruturada por princípios próprios. Muitas HQs carregam historicidade, seja em suas estruturas e discursos, seja em seus personagens e narrativas. No caso de *Gramá*, temos ainda a camada da memória e do dever histórico: a história viva do presente que demanda ouvir vozes silenciadas.

Uma análise sobre a história de *Gramá*: a linguagem das imagens narrativas

O quadrinho *Gramá* foi publicado no Brasil, em 2020, pela editora Pipoca e Nanquim. A obra acompanha a experiência de Ok-Sun Lee, agora uma “vovó”, que relata sua vida desde a infância em uma Coreia fragilizada economicamente e profundamente marcada por uma cultura patriarcal. A narrativa evidencia os eventos traumáticos de sua história durante o período de colonização japonesa, quando vivenciou a escravidão sexual diária ainda na infância, e também sua senilidade hostilizada após a retirada do governo japonês, momento em que houve o isolamento das vítimas e a perpetuação de estigmas, inclusive dentro de suas próprias famílias.

Keum Suk Gendry-Kim inicia o quadrinho informando o leitor de que Ok-Sun Lee, nossa vovó, foi declarada morta na Coreia do Sul e retornou ao seu país 55 anos após as violências sofridas pelo governo japonês, por meio do programa televisivo “Em Busca de Casos

e Pessoas”. Em um dos episódios, voltado às “mulheres de conforto” deixadas na China, o programa, realizado em 1996 e exibido em 1997, introduz a perspectiva do silenciamento das histórias dessas meninas e mulheres.

Tanto o programa televisivo quanto o quadrinho representam a importância das mídias na construção de narrativas históricas e como veículos de preservação da memória de uma sociedade. Mostram, ainda, como essas mídias podem ser utilizadas como ferramentas de um dever histórico: encontrar essas meninas e mulheres, agora vovós, para dar-lhes voz, reconhecer seu sofrimento, sua dor e sua resiliência. O título do quadrinho já carrega essa mensagem: a grama é pisoteada, derrubada pelo vento, mas sempre se reergue, nas palavras de Keum Suk Gendry-Kim e conforme as imagens abaixo. Desse modo:

No fim do longo inverno, os galhos frágeis tremem. Novas vidas lutam para brotar de dentro para fora. O solo, por muito tempo adormecido, vai despertar, e a pequena grama vai se reerguer em meio às folhas secas, queimadas pelo frio. Mesmo derrubada pelo vento e pisoteada por muitos, a grama sempre se reergue. Pode ser que ela te cumprimente de forma tímida, passando de raspão pelas suas pernas – Olá! O inverno está indo, e a primavera, chegando. O calor da primavera estará aqui em breve, derretendo o frio que parece não ter fim (Gendry-Kim, 2020, p. 474-478).

Considerando a metodologia de análise de Groensteen (2015), abordaremos o conceito de imagem narrativa, a qual propõe a perspectiva de que, em histórias em quadrinhos, a imagem não se limita a ilustrar um instante visual e complementar o texto, mas se observa por meio da integração de todos os elementos constituídos na página, culminando na construção narrativa, mobilizando quadro, tempo, emoção, memória e cor. Em *Grama*, há uma forte utilização de simbolismo na concepção da obra, posta de forma sutil, como fora apresentado, a exemplo do título; mas, como veremos a seguir, a imagem narrativa também é utilizada como uma linguagem ética e poética para compartilhar o testemunho de violência histórica e a preservação da dignidade das sobreviventes.

Há uma escolha técnica na utilização de branco e preto, sem gradações em cinza. O traço pode ser considerado simples, por vezes esquemático, mas nunca descuidado. A simplicidade atua quase como um subtexto: ao abrir mão do excesso de detalhe, técnica ou tridimensionalidade, Gendry-Kim enfatiza o aspecto emocional e testemunhal da obra em cada cena. O preto e o branco absolutos criam tensões de presença e ausência, acarretando zonas de silêncio e trauma exploradas na história. Ao evitar os cinzas e o conforto das transições, a autora

acentua o caráter de contraste puro, em que não há espaço para neutralidade quando se trata de memórias de guerra e violência sexual.

Pode-se observar essas escolhas nas Imagens 1 e 2, dedicadas à personagem Ok-Sun Lee, cujo testemunho é o ponto central da narrativa. Esse conjunto de páginas é composto por uma ilustração única, sem textos e sem quadros; encerram o quadrinho e são apresentadas, respectivamente, nessa ordem. Na primeira imagem, Ok-Sun Lee aparece idosa, com traços mais detalhados do que se encontram no corpo da obra, rugas marcadas e sorriso aberto. É o momento em que o estilo artístico da autora se aproxima mais da retratística; apesar de o traço ainda ser simples, representa-se seu corpo envelhecido com zelo. Mesmo diante de uma história de sofrimento, Ok-Sun Lee é alguém viva, íntegra e respeitada. A imagem narrativa, nesse momento de representação, parece atuar como um gesto ético, recusando um olhar vitimista e reafirmando a complexidade que é sobreviver.

Na segunda ilustração, observa-se outra composição: Ok-Sun Lee é uma menina vista de costas, com os cabelos ao vento e vestindo trajes tradicionais coreanos. O fundo é composto pela noite, marcada por um preto profundo cortado pela montanha em branco e pelas estrelas. A menina encontra-se entre esses dois contrastes, a luz da infância e a sombra do trauma. Sendo esta a última página da história, há uma reafirmação contra a ideia de transformar sua dor em espetáculo. Ao não mostrar o rosto da criança, cria-se um lugar ético e distante proposto ao leitor; há um limite do que pode ser visto e compreendido na dor do outro.

Foram analisadas primeiramente as últimas páginas do quadrinho, pois estas condensam a narrativa de toda a obra: a travessia entre o trauma, a palavra, o silêncio e o testemunho. A utilização de traços simples, a ausência de texto e a potencialidade dos quadrinhos traduzem sentimentos complexos daquilo que é indizível, como se observa nas imagens:

Figura 1 – Ok-Sun Lee idosa



Fonte: Gendry-Kim (2020, p. 479).

Figura 2 – Ok-Sun Lee jovem



Fonte: Gendry-Kim (2020, p. 480).

A história de *Grama* perpassa três eixos históricos centrais: a contextualização das dificuldades econômicas e sociais enfrentadas pela Coreia durante o período colonial; o cotidiano das chamadas “mulheres de consolo”; e, por fim, a retirada do exército japonês e as consequências dessa experiência para as meninas e mulheres vítimas de abusos. A infância de Ok-Sun Lee é marcada por privações e angústias. Por ser mulher e a irmã mais velha, recaíam sobre ela responsabilidades e papéis rigidamente definidos, que contrariavam seus desejos

personais. Ela queria frequentar a escola, mas apenas seu irmão tinha o direito de receber educação formal, devido a dificuldade de manter várias crianças seus pais se sentiram forçados a dar Ok-Sun Lee para outro casal, que em tese lhe daria mais conforto para viver. Podemos observar, na página do quadrinho, a realidade por trás dessa dinâmica, dividida em três quadros horizontais que demonstram a repetição e a imobilidade impostas a Ok-Sun Lee.

No primeiro quadro, observa-se o momento inicial em que a mãe adotiva ordena, desde o início, sua atuação como força de trabalho. O contraste entre as figuras adulta e infantil realça as relações de poder. No seguinte, há uma ênfase no esforço físico e em como ele se intensificou ao longo do tempo: seu material de trabalho é quase do tamanho do próprio corpo, o fardo metafórico da infância roubada. O pensamento descrito nesse quadro, que reafirma a perspectiva de que acreditava ser uma situação temporária e de que iria para a escola em algum momento, demonstra a ingenuidade que movia a criança a aceitar sua condição e a crueldade dos adultos que manipulavam seu sonho.

O desejo de ir à escola é um eco presente na mente da jovem; a educação seria uma forma de emancipação e reconhecimento. No terceiro quadro, a mãe adotiva a repreende, afirmando que, com essa aparência, vai afugentar os fregueses, enquanto a criança realiza grande esforço físico no trabalho. Aqui, percebe-se um círculo concluído de opressão: além da expropriação de sua força de trabalho e do afastamento da educação, há uma vigilância sobre seu corpo feminino e sobre como este deve corresponder a um ideal estético, mesmo em uma condição que contradiz essa expectativa. Revela-se, assim, a violência de classe e de gênero em seu ápice, como pode-se observar na imagem abaixo:

Figura 3 – Ok-Sun Lee deseja ir à escola



Fonte: Gendry-Kim (2020, p. 110).

O quadrinho apresenta as memórias de Ok-Sun Lee, ao mesmo tempo em que fundamenta os eventos com o contexto histórico e elementos essenciais para compreender os aspectos da colonização japonesa. Com o ataque a Pearl Harbor, em 1941, teve início a Guerra do Pacífico, intensificando a expansão militarista do Império Japonês. Nesse contexto, a Coreia, já sob domínio colonial japonês desde 1910, passou a ser explorada de forma ainda mais incisiva, com o recrutamento forçado de trabalhadores coreanos para suprir as demandas do esforço de guerra.

Esse processo tornou-se progressivamente mais intenso, refletindo-se na mobilização de mão de obra para os campos de batalha e na imposição de práticas coloniais cada vez mais opressivas. Entre essas práticas, destacam-se o apagamento da identidade cultural coreana e a substituição por valores e símbolos japoneses. A obrigatoriedade do uso de nomes japoneses e a imposição do culto em templos xintoístas exemplificam essa tentativa sistemática de assimilação. Aqueles que resistiam a essas normas eram severamente punidos, podendo ser excluídos da distribuição de alimentos ou enviados para campos de trabalho forçado.

No ambiente escolar, a repressão cultural se intensificava com a proibição do uso do idioma coreano, sendo permitida apenas a comunicação em japonês. As instituições de ensino adotavam um sistema de vigilância interna, no qual os próprios alunos eram incentivados a

denunciar colegas que violassem as normas linguísticas, o que resultava em punições como a suspensão do recebimento de materiais escolares. Como aponta Arendt (2013, p. 289), “os movimentos totalitários são organizações maciças de indivíduos atomizados e isolados. Distinguem-se dos outros partidos e movimentos pela exigência de lealdade total, irrestrita, incondicional e inalterável de cada membro individual”.

Nesse sentido, o aspecto da autovigilância é um dos pontos fundamentais para a instalação de um sentimento de terror e incapacidade de reação. Além do ambiente escolar, esse medo é evidenciado em uma conversa entre os pais de Ok-Sun Lee, que demonstram receio de estarem sendo vigiados ao expressarem indignação diante da situação em que vivem. A página é composta por cinco quadros: quatro pequenos, dispostos em sequência quadrada, e um último, maior e horizontal. Cada quadro, ao mesmo tempo em que contém uma ação pontual, participa de uma rede de sentidos sobre o medo, o silêncio e o amor materno.

Ao reclamar das condições em que estão inseridos, o pai de Ok-Sun Lee afirma à esposa, nos dois primeiros quadros, que apesar de trabalhar o dia inteiro os filhos têm apenas sopa para comer e vivem em uma situação injusta. Como resposta, ouve: “os pássaros escutam de dia, e os ratos, à noite.” No terceiro quadro, o marido insiste em se queixar, afirmando que os filhos não têm o que comer. A autora não o desenha de modo vilanesco, mas humano e derrotado. Sua fala expressa o desespero da fome, mas, pela composição, esse desespero torna-se perigoso.

O quarto quadro culmina essa tensão: a mãe, já exausta, diz: “Querido, já basta, chega.” A fala é curta e definitiva, e Gendry-Kim a escreve com um espaçamento que dá peso à pausa e ao silêncio que se segue. É a palavra que impõe fim à fala masculina e, ao mesmo tempo, à ameaça de descontrole. Nessa cena, o poder não está em gritar, mas em calar no momento certo; a autora converte o ato de silenciar em um gesto de resistência. No mesmo quadro, a mãe ordena que Ok-Sun Lee se levante para comer, e a menina o faz. O gesto de levantar-se é mínimo, mas carrega uma enorme carga simbólica: é o retorno à vida cotidiana, à persistência, à continuidade, apesar do medo.

Essa página, em sua estrutura de quatro quadros confinados seguidos de um quadro expandido, é uma miniatura da lógica de *Gramá*: o trauma coletivo (o medo da vigilância, a fome, o autoritarismo)^b manifesta-se primeiro na esfera íntima, na linguagem, nas conversas sussurradas entre paredes. Depois, projeta-se no mundo, no espaço aberto da natureza, onde a vida precisa continuar. A sequência também revela como a autora compreende o ato de ouvir: o ouvido da criança, o ouvido dos ratos e pássaros, o ouvido do leitor. *Gramá* é uma narrativa

construída a partir da escuta, e essa página mostra o momento em que Ok-Sun Lee aprende, ainda pequena, que há coisas que não podem ser ditas. A escuta é sua primeira forma de sobrevivência, como observado na imagem 4:

Figura 4 - Autovigilância



Fonte: Gendry-Kim (2020, p. 39).

Paralelamente, ainda no ambiente escolar, havia um sistema de propaganda ideológica voltado para a naturalização da guerra e da lealdade ao imperador japonês. As crianças eram incentivadas a responder perguntas como “Por que o Japão está em guerra?” e “Com que sentimento devemos nos curvar ao Palácio Imperial do Japão?”, revelando o esforço do regime em moldar subjetividades desde a infância e consolidar um projeto colonial totalizante, baseado na obediência, no nacionalismo imperial e na negação da identidade coreana (Gendry-Kim, 2020, p. 70).

A linguagem dos quadrinhos acrescenta uma dimensão sensível e humana ao tratar da temática. Keum Suk Gendry-Kim faz uma escolha narrativa impactante ao retratar a primeira violência de estupro, que retira a virgindade de uma Ok-Sun Lee ainda criança, por meio de uma sequência de quadros pretos. A imagem se forma na imaginação do leitor, que completa esse quebra-cabeça imagético. Ao virar duas páginas completamente escuras, intensifica-se a sensação de tempo e dor, elementos vinculados à multilinguagem dos quadrinhos. Antes dessas imagens, há o seguinte relato:

Sangrei muito. Me senti suja. É por isso que tantas mulheres se matam depois. Eu também não quis mais viver. Mas também não conseguia me matar. Por mais que quisesse morrer, não fui capaz disso. Se bem que eu já não estava mais viva, mesmo esperando. Tinha saudades da minha mãe, do meu pai, da casa onde os meus irmãozinhos moravam. Depois daquilo... eu nunca mais poderia ir lá (Gendry-Kim, 2020, p. 203-206).

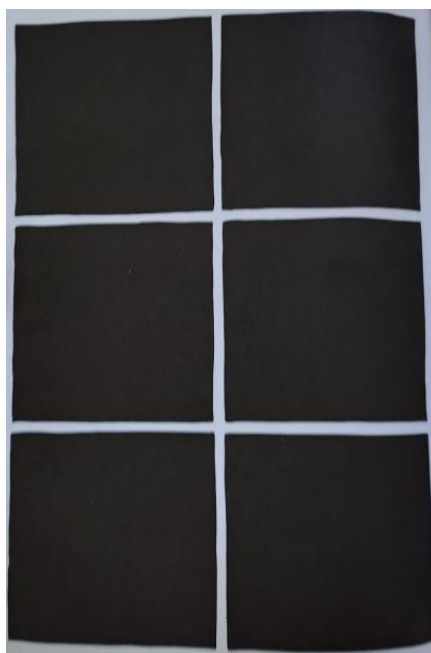
Groensteen (2015) compreende que os quadrinhos são formados por imagens narrativas, pois a imagem, nesse meio, participa de uma rede de significados estabelecida entre si. Mesmo utilizando, primariamente, uma sequência de quadros pretos, Gendry-Kim (2020) constrói uma cena intensa, pois os quadrinhos funcionam por meio de uma rede icônica solidária, em que todas as imagens e vinhetas contribuem para a construção de sentido e significado.

Figura 5 – Primeiro estupro de Ok-Sun Lee



Fonte: Gendry-Kim (2020, p. 203).

Figura 6 – Primeiro estupro de Ok-Sun Lee



Fonte: Gendry-Kim (2020, p. 206).

Dessa maneira, o artesanato dessas páginas é elaborado para gerar uma ideia de ritmo, tempo e ação. Essa construção ocorre em conjunto com a imaginação e a percepção do leitor, que, ao folhear cada página preenchida por seis quadros pretos, compreende o que está acontecendo a partir do contexto e da narratividade desenvolvida até o momento.

Essa estrutura é eficaz para transmitir a brutalidade à qual Ok-Sun Lee está sendo submetida ainda tão jovem, ela tem apenas quinze anos. A autora busca representar momentos de agressão, dor e violação de forma impactante, mas preservando a dignidade da vovó Ok-Sun Lee, como podemos observar nas imagens acima.

Através do quadrinho e da experiência de Ok Sun Lee, testemunha-se uma brutalidade e violência vivenciadas ao longo de anos, que revelam ao mundo um dos maiores sistemas de tráfico e escravidão da História. As meninas e mulheres eram submetidas a estupros coletivos por 30 a 40 soldados japoneses diariamente, inclusive durante os períodos menstruais, ficando expostas a doenças sexualmente transmissíveis e utilizando métodos de proteção nada saudáveis ou convencionais. Na experiência de Ok Sun Lee, ela foi submetida à exposição direta ao vapor de mercúrio fervido para tratamento de sífilis (Gendry-Kim, 2020, p. 265).

No período pós-colonial, o governo japonês negou os crimes de guerra cometidos contra essas meninas e mulheres e, após certa pressão sobre o tema, alegou que a presença delas nesses espaços foi voluntária, e não forçada. A mídia foi uma ferramenta de extrema importância para

que essa narrativa fosse questionada e para que os testemunhos e memórias fossem ouvidos e respeitados. Kim Hak-Sun⁸ foi uma das primeiras mulheres a se posicionar sobre a exploração feminina durante a Segunda Guerra Mundial, e a ativista inspirou diversas sobreviventes a compartilharem suas experiências.

Em 2017, a *British Broadcasting Corporation* (BBC) realizou uma entrevista com Lee Ok-Seon,⁹ que, assim como Ok Sun-Lee, foi levada aos quinze anos para ser explorada. No seu caso, foi levada até a China e violentada diariamente durante três anos, sofrendo agressões que resultaram na perda parcial dos dentes e da audição. Lee Ok-Seon afirma: “não fomos por vontade própria, fomos sequestradas e nos obrigavam a ter relação com muitos homens por dia” (BBC, 2017). Com o fim da guerra, essas mulheres, além de enfrentarem as consequências de anos de violência física e psicológica, doenças e feridas, também tiveram de lidar com discursos que negavam seus abusos, culpabilizando-as e humilhando-as. Ainda segundo a matéria da BBC, apesar de testemunhos como os de Kim Hak-Sun e Lee Ok-Seon terem chegado ao conhecimento público em meados de 1981, o Japão reconheceu o uso dos “bordéis de guerra” apenas em 1993, doze anos depois.

As mulheres eram capturadas para essas “casas/bordéis” tanto por meio de sequestros quanto de falsas propagandas. Devido ao contexto econômico e histórico fragilizado pelo processo de colonização, as pessoas estavam desesperadas e suscetíveis a aceitar qualquer oferta de trabalho em busca de sobrevivência. Assim, eram espalhadas ofertas de emprego em fábricas para meninas e mulheres que, muitas vezes incentivadas pelos próprios familiares, aplicavam-se na esperança de ajudar suas famílias e conquistar uma vida melhor.

Apesar da longa negativa oficial do governo japonês sobre essa conduta, durante o Tribunal Nacional, soldados japoneses não apenas confirmaram a existência desses locais, criados para saciar a luxúria bestial das tropas, como também reconheceram a utilização de propaganda enganosa para capturar meninas e mulheres. Segundo reportagem do jornal O

⁸ Kim Hak-Sun foi uma ativista que compartilhou os horrores vivenciados pela violência do exército japonês. Ao testemunhar sua experiência, ela incentivou diversas outras mulheres a contarem uma história que foi negada pelo Japão durante anos. Para mais informações, acesse a matéria do *The New York Times*, escrita por Choe Sang-Hun em 2021. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2021/10/21/obituaries/kim-hak-soon-overlooked.html>. Acesso em: 27 mai. 2025.

⁹ A BBC, em 2017, realizou entrevista com Lee Ok-Seon onde relata as condições e sequelas dos abusos desenvolvidos ao longo de três anos na casa de conforto, as agressões sofridas resultaram na perda parcial de seus dentes e audição. Para mais informações, acesse a matéria publicada em 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-38527022>. Acesso em: 27 mai. 2025.

Globo (2013):¹⁰ “os documentos do Tribunal Internacional citam testemunhos de soldados japoneses que afirmam ter recrutado mulheres publicando propagandas de trabalho em fábricas e “depois as ameaçando e as usando como prostitutas para a luxúria bestial das tropas””.

Dessa forma, concluímos a importância das mídias para dar voz e espaço aos testemunhos dessas meninas, mulheres e vovós que passaram por crimes de guerra, escravidão sexual e diversas formas de violência durante os anos de ocupação japonesa. *Grama* (2020) é um quadrinho criado por Keum Suk Gendry-Kim, que representa uma nova geração sul-coreana que busca ouvir as histórias e memórias das chamadas mulheres de conforto, com um olhar de acolhimento, respeito, luto e reconhecimento de uma dívida histórica.

***Grama* e o dever de memória: a importância de rememorar o trauma silenciado**

O passado é evocado no presente quando os questionamentos permanecem vivos. O futuro, ou a perspectiva sobre ele, precisa de uma orientação que se configura a partir do momento em que o passado é experienciado e interpretado, fazendo com que o sujeito se insira historicamente em seu agir na vida. Ao resgatar as memórias de Ok-sun Lee, Gendry-Kim mostra como a narrativa histórica, baseada no testemunho de uma sobrevivente da Segunda Guerra Mundial que sofreu abuso sexual, é uma produção intelectual e vital que busca, no presente, respostas que envolvam a produção de sentido e de existência.

O testemunho é uma experiência que foi interpretada. Contudo, como sua narrativa depende da memória, é imprescindível considerar sua capacidade de seleção, esquecimento, silêncio ou negação, uma vez que as lembranças podem evocar diferentes reações. O discurso nunca é neutro: carrega sentimentos e envolve a validação ou negação por parte do outro. Os testemunhos se constituem da experiência, mas são constantemente atravessados pelo tempo, matéria da História. Ao abordar histórias difíceis, trazemos à luz determinados sentimentos que se formam a partir das narrativas existentes e da construção da memória sobre elas.

Para Borries (2018), ao abordar sobre o *Burdening History*, é muito mais difícil ensinar e aprender experiências históricas marcadas por dor, culpa, vergonha ou sofrimento, do que episódios celebratórios de vitórias e conquistas. Para ele, é essencial que os novos aprendizados se conectem aos saberes anteriores, despertem emoções significativas e apresentem relevância

¹⁰ Matéria sobre as mulheres de conforto, publicada pelo jornal O Globo em 2013. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/japao-reconhece-passado-de-escravas-sexuais-8336628>. Acesso em: 27 mai. 2025.

para a vida do sujeito. Na construção dessa ideia de história pesada, o autor aponta sentimentos centrais como culpa, responsabilidade, vergonha e luto.

A culpa, segundo ele, não deve ser vista como punição coletiva ou individual, mas como uma tomada de consciência sobre acontecimentos do passado, sem transferir responsabilidades às gerações futuras. A responsabilidade, nesse contexto, está ligada ao reconhecimento de que, mesmo sem culpa direta, os descendentes podem herdar os efeitos e custos desses crimes. Já a vergonha provoca desconforto e leva a reações ambíguas diante do passado, enquanto o luto desperta questões como quem ou o que se lamenta na história. Cabe destacar, o estudo de Bodo von Borries parte do Holocausto e a construção da memória do pós-guerra entre os jovens alemães, ressaltando os sentimentos existentes entre a perda de entes queridos e a atrocidade dos atos.

Segundo Borries (2018, p. 34):

Alcançar uma verdadeira reconciliação, no entanto – com os antigos inimigos (vítimas, perpetradores) e com você mesmo – é mais complexo. As pessoas precisam da experiência de moverem-se em direção uns aos outros e continuar juntos pelo mesmo caminho (na vida e historiografia).

Mas isso envolve – além de análises, sem dúvida necessárias, de eventos históricos e interpretações de acordo com padrões intelectuais – um processo de tomar distância de seu próprio passado e do outro sem esquecer sua história. O objetivo é procurar as condições e possibilidades de um futuro comum (apesar de uma história hostil).

Gramma nos mostra que as memórias, quando rememoradas, trazem à tona a totalidade das experiências vividas, ainda que de forma fragmentada, por meio dos espaços de recordação. Essas lembranças estão conectadas tanto ao plano individual quanto ao coletivo, e revelam sentimentos como dor e remorso. Podem ainda instaurar, dentro do sujeito, dúvidas relacionadas à culpa, não necessariamente por ter praticado o ato, mas por questionar por que foi vítima dele. Esse processo de lembrar, portanto, não apenas resgata o passado, mas reconfigura o modo como o sujeito se relaciona com ele, ativando emoções e tensões que ainda persistem no presente.

Narrar é uma forma de confrontar a realidade, de transformar a experiência (a memória enquanto abstrata) em interpretação, ou seja, na produção da história como algo concreto e racional. A memória está intrinsecamente ligada à identidade, numa relação afetiva com o passado, buscando dar forma e sentido ao que foi vivido. Nesse processo, tenta-se explicar o que de fato foi “real”, especialmente no caso de um trauma oriundo de um evento catastrófico,

que escapa ao curso natural das coisas e resiste à representação plena. Testemunhar é se integrar novamente a sociedade, é confrontar sua realidade, pois:

Confrontados ao extermínio individual e coletivo, alguns sobreviventes sentiram-se na obrigação de deixar uma marca, um traço, testemunhando a própria experiência e, apesar da maioria ter afirmado que pode-se dizer impressionantemente pouco sobre essas vivências extremas, tentaram assim mesmo tornar presente e manter atual aquilo que ali foi posto a nu, escrevendo justamente sobre esse ponto enigmático no qual foram reduzidos ao lixo do mundo, como se precisassem transmitir a verdade da realidade. O testemunho, ao confrontar a humanidade com sua parte maldita e chamar a atenção para a posição ética que consiste transmitir o indizível, se tornou a forma privilegiada de narrar uma experiência qualificada de intransmissível justamente por aqueles que tentaram transmiti-la. Essa escrita nasceu de uma proximidade anormal com a morte, uma tentativa encontrada por alguns para integrar, ainda que minimamente, o excesso de real em jogo na experiência traumática (Koltai, 2016, p. 24).

Qual é o dever de memória ao testemunhar? Ao narrar, o indivíduo coloca o evento no presente por meio do discurso rememorado. É preciso considerar que há dois presentes em disputa: o do evento narrado, que se tornou passado, mas está presente na instância da palavra dita, da memória enunciada, que foi o presente do narrador; e o presente no qual o ato é narrado. As memórias presentes em *Grama* constituem, no tempo presente, lembranças difíceis que a testemunha busca transmitir, o indizível, o inenarrável, fruto de uma experiência traumática, em uma intensa luta por reparação e reconciliação, pois lida incessantemente com sua própria identidade.

Desse modo, as memórias de Ok Sun Lee integram um conjunto de lembranças sobre as estações de conforto, às quais ela e outras mulheres foram submetidas a abusos sexuais. *Grama* revela como essas mulheres foram violentadas e transformadas em “mulheres de conforto”. Compreendemos que as lembranças da vovó Lee fazem parte de uma memória difícil de ser lembrada e narrada, e, como toda memória, é seletiva e, por vezes, abstrata.

Contudo, o dever da memória, ou o compromisso com ela, torna-se evidente quando, mesmo após o evento, os acontecimentos permanecem vivos. Da busca por sua família até o testemunho público do ocorrido, a história de Lee, assim como a das demais mulheres de conforto, é uma questão que ultrapassa o âmbito individual ou de gênero, sendo um problema que diz respeito à sociedade como um todo. As próximas gerações precisarão lidar com as emoções mencionadas por Borries. Não há culpa, mas sobre seus ombros recairá a responsabilidade.

O século XXI ainda carrega as sequelas do século anterior, e enfrentar as cicatrizes que permanecem abertas é uma forma de construir uma sociedade mais justa e democrática, especialmente diante da ascensão de regimes autoritários e dos novos fascismos no tempo presente.

Considerações Finais

Nos propomos a demonstrar, até o presente momento, como as mídias, em especial as histórias em quadrinhos, apresentam potencial significativo para contribuir com a sociedade, ao possibilitar espaços de discussão e reconstrução de memórias coletivas. Essas narrativas exercem influência direta na formação e ampliação da percepção de identidade individual e coletiva em relação ao passado. A obra analisada ao longo desta discussão, *Gramá* (2020), revela uma expressiva densidade histórica ao abordar temáticas como traumas, testemunhos e memórias difíceis, dialogando com a metodologia da história oral e com o processo de construção da consciência histórica empreendido por sua autora, Keum Suk Gendry-Kim, ao representar eventos históricos por meio da narrativa gráfica.

Essa representação articula sensibilidade, fonte e memória, lançando luz sobre as diferentes formas pelas quais a discussão e o aprendizado históricos se materializam na contemporaneidade. As histórias em quadrinhos, conforme demonstrado, caracterizam-se pela multiplicidade de linguagens e por um sistema narrativo complexo, apresentando estrutura elaborada e notável potencial para o campo da historiografia.

Ademais, destacamos a relevância dos quadrinhos como ferramenta para a problematização do dever histórico em contextos marcados por opressão e silenciamento. Em situações nas quais a história oficial e a postura dos Estados envolvidos consistem na negação dos testemunhos, as mídias assumem o papel fundamental de conferir visibilidade e voz às vítimas, especialmente às mulheres idosas que sofreram e ainda sofrem em virtude dos abusos a que foram submetidas. A abordagem de narrativas marcadas por elevada carga de sofrimento e violência constitui um desafio, sobretudo ao serem convertidas em linguagem gráfica. Por essa razão, incorporamos a perspectiva das histórias difíceis, compreendendo que, por meio da reflexão crítica sobre o passado, é possível suscitar novos afetos, pautados no reconhecimento, na responsabilização e na busca por justiça, reparação e reconhecimento das vítimas.

Referências

- ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- BBC Brasil. Mulheres de conforto: histórias de quem sofreu exploração sexual do Exército japonês. **BBC Brasil**, 09 janeiro. 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-38527022>. Acesso em: 27 mai. 2025.
- BORRIES, Bodo Von. Lidando com histórias difíceis: tipos de reconciliação com danos e culpas históricas. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; FRONZA, Marcelo; NECHI, Lucas Pydd. (Orgs.). **Jovens e consciência histórica**: Bodo von Borries. Curitiba: W.A. Editores, 2018.
- BRANCO, Letícia Veiga Castello. Webtoons e Manhwas: a acessibilidade digital e a sua influência na leitura no Brasil. **9ª Arte (São Paulo)**, [S. l.], p. e219534, 2024. Disponível em: <https://revistas.usp.br/nonaarte/article/view/219534>. Acesso em: 19 nov. 2025.
- CARUTH, Cathy. **Unclaimed Experience**: Trauma, Narrative and History. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1996.
- CERRI, Luis Fernando. **Ensino de história e consciência histórica**: implicações didáticas de uma discussão contemporânea. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.
- COOMARASWAMY, Radhika. **Report of the Special Rapporteur on violence against women, its causes and consequences, Radhika Coomaraswamy, in accordance with Commission on Human Rights resolution 1994/45**. Geneva: United Nations, 1996.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.
- KIM, Hyun Sook. History and memory: the “comfort women” controversy. In: BALLANTYNE, Tony; BURTON, Antoinette. **Bodies in contact**: rethinking colonial encounters in world history. Durham and London: Duke University Press, 2005.
- KOLTAI, Caterina. Entre psicanálise e história: o testemunho. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 24-30, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/rPN6SbbMDf5gMXNCJpQKBtn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 nov. 2025.
- Leem, Hye-Jeong. 2012. Koo Woo-Young's "Lim Kok-Jeong" (1972-73), a Dramatic Graphic Narrative (*geukhwa*) Serialized in a Newspaper. In: BERNDT, Jaqueline (Ed.). **Manhwa, Manga, Manhwa**: East Asian Comics Studies. Leipzig, Germany : Leipziger Universitätsverlag, 2012.
- O GLOBO. Japão reconhece passado de escravas sexuais. **O Globo**, Rio de Janeiro, 08 maio. 2013. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/japao-reconhece-passado-de-escravas-sexuais-8336628>. Acesso em: 27 mai. 2025.
- PAIVA, F. da S.; RIBEIRO, E. N. As imagens dos quadrinhos: aplicações e dificuldades no uso educacional. **Revista Intersaberes**, [S. l.], v. 12, n. 25, p. 46–59, 2017. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/1206>. Acesso em: 19 nov. 2025.

PORTUGAL. Ministério Público. **Convenção de Genebra (IV) relativa à proteção de pessoas civis em tempo de guerra**. 12 ago. 1949. Disponível em: <https://dcjri.ministeriopublico.pt/sites/default/files/documentos/instrumentos/convIVgenebra.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2025.

GENDRY-KIM, Keum Suk. **Grama**. Tradução de Jae Hyung Woo. São Paulo: Pipoca e Nanquim, 2020.

GROENSTEEN, Thierry. **O sistema dos quadrinhos**. Nova Iguaçu: Marsupial, p. 7-23, 2015.

LEVI, Giovanni. O trabalho do historiador: pesquisar, resumir, comunicar. **Tempo**, v. 20, p. 1-20, 2014.
<https://www.scielo.br/j/tem/a/RsMtSYwQHdhb9vqYLrLZQLw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 nov. 2025.

FRANCE PRESSE. Japão pede que Coreia do Sul retire monumento a 'mulheres consolo'. **G1**, 8 jan. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/japao-pede-que-coreia-do-sul-retire-monumento-a-mulheres-consolo.ghtml>. Acesso em: 3 mai. 2025.

SANCHO, Nelia. The 'Comfort Women' System during World War II: Asian Women as Targets of Mass Rape and Sexual Slavery by Japan. In: LENTIN, Ronit. (Ed.). **Gender and Catastrophe**. London & New York: Zed Books, 1997.

YAMANAKA, Chie. *Manhwa* in Korea: (Re-)Nationalizing Comics Culture. In: BERNDT, Jaqueline; KÜMMERLING-MEIBAUER, Bettina. (Ed.). **Manga's Cultural Crossroads**. New York; London: Routledge, 2013.

Recebido em: 15 de julho de 2025
Aceito em: 27 de outubro de 2025
